

# croma 14

Revista CROMA, Estudos Artísticos  
julho-dezembro 2019 | semestral  
issn 2182-8547 | e-issn 2182-8717

Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes  
(CIEBA), Faculdade de Belas-Artes,  
Universidade de Lisboa



# Superfícies e desconstruções nos vídeos de Daniela Távora

## *Surfaces and deconstructions of Daniela Távora's videos*

ELAINE ATHAYDE ALVES TEDESCO\*

Artigo completo submetido a 3 de janeiro de 2019 e aprovado a 28 janeiro 2019

\*Brasil, artista visual e professora.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rua Senhor dos Passos 248, Porto Alegre CEP: 90020-180 Brasil. E-mail: elaine.tedesco@yahoo.com.br

**Resumo:** O texto aborda os vídeos de Daniela Távora, artista visual brasileira também com produção em desenho, fanzines, gravuras, fotografias. Seus vídeos fazem referência à memória pessoal e ao contexto social, tendo como inspiração filmes de terror. Para procurar uma aproximação com seu trabalho, emprego os conceitos desconstrução, como uma das extremidades do vídeo proposto por Christine Mello, e superfície e sentido háptico, como definidos por Giuliana Bruno.

**Palavras chave:** Daniela Távora / vídeo / superfícies / desconstruções.

**Abstract:** *The text approaches the videos of Daniela Távora, Brazilian visual artist, who also works with drawing, fanzines, engraving and photography. Inspired by horror films, her videos make reference to personal memories and to the social context. For my approximations to her artwork, I am using the concepts of 'deconstruction' as one of the 'extremities of the video' proposed by Christine Mello and 'surface' and 'haptic sense' as defined by Giuliana Bruno.*

**Keywords:** Daniela Távora / video / surfaces / deconstruction.

## Introdução

Daniela Távora é uma artista visual brasileira com produção em desenho, *fan-zines*, gravuras, fotografias e vídeos. Seus vídeos articulam o uso de imagens ruidosas, gravadas com celular, e narrativas enigmáticas, sensoriais, carregadas de suspense e que fazem referência à memória pessoal e ao contexto social, tendo como inspiração filmes de terror.

Daniela trabalhou como projetionista numa sala de cinema em Porto Alegre, onde projetou muitos filmes em 35mm, antes da chegada dos projetores digitais. Nesse emprego, vivenciando o convívio quase diário com a caixa-preta do cinema, ligando o projetor e controlando os rolos de filmes, resolvendo problemas técnicos, como o acidente com o estouro da liga entre as películas em plena sessão, tendo de parar, cortar o pedaço de filme rasgado, recolocá-lo na bobina e projetá-lo novamente, adquiriu um vasto repertório de referências e, ainda, uma aprendizagem da linguagem audiovisual. Tal ofício também lhe oportunizou acompanhar algumas explorações não convencionais com as películas filmicas, como, por exemplo, assistir à projeção de um filme invertido, ou, quando o projetionista montou os rolos da sequência 1, 2, 3, 4 em 1, 3, 2, 4, criando uma versão lisérgica de um filme clássico.

## A superfície

Daniela Távora diz que sempre preferiu os filmes mais baratos, diferentes e com roteiro original. “Ver *O Bandido da Luz Vermelha* e *Abismo* de Rogério Sganzerla, *Os Idiotas* de Lars Von Trier, *Boi Neon* de Gabriel Mascaro e *Amor, Plástico e Barulho* de Renata Pinheiro, entre outros, foram irreversíveis para mim.” Depois de assistir a muitos filmes da boca do lixo, pornochanchadas, filmes de terror de Zé do Caixão e Petter Baistorf, intuiu que poderia fazer vídeos como bem entendesse, contando com os amigos e uma produção caseira. A feiura e o fantástico, sobrenatural nas histórias de Stephen King e George Romero, fascinaram-na desde a primeira vez que viu. A artista afirma que a forma como esses diretores abordam o contato com fenômenos racionalmente inexplicáveis, usando uma linguagem popular e juvenil para expor histórias do universo *white trash*, por meio de narrativas estruturadas a partir de rupturas sinistras com a realidade, atingiram em cheio suas memórias de infância. Seus vídeos revelam a impregnação de seu imaginário pelo encanto pelas imagens do fantástico e do decadente vistos nos filmes e que também carregam uma bagagem densa de vivências em uma dura realidade, tudo expresso por meio de uma linguagem audiovisual experimental (Figura 1 e Figura 2), esta calcada em estratégias de desconstrução como estrutura da edição. “Na desconstrução do vídeo, a ruptura

ocorre principalmente no estatuto da imagem. “ (Mello, 2008:116). Em seus vídeos a imagem é sugerida, as cenas expressam-se como superfícies pixelizadas, fugidias, implicando em nosso sentido háptico a impressão de apagamento. A superfície é algo “poroso” que conecta, equipado com outras dimensões (entre as quais, não menos importante, a memória) (Bruno, 2014). Os vídeos de Távora são narrativas não lineares, que partem de ações da artista em locações preexistentes e produzidas com baixo custo, procurando criar imagens transgressivas de impacto direto, junto a uma atmosfera impregnada de desencanto.

Para auxiliar no entendimento de como se dá essa contaminação da memória pessoal por via das narrativas cinematográficas, recorro a reflexões da autora Giuliana Bruno. No livro *Surfaces*, Bruno explica que a dimensão da memória é, entre outras coisas, conectada pela via da porosidade das superfícies, afirmando que da pele e roupas até chegar à tela do cinema, as telas de pintura, as telas eletrônicas dos computadores e dispositivos móveis, a superfície não é algo meramente bidimensional. Segundo a autora, o sentido háptico é afetado pelas múltiplas telas virtuais que nos envolvem juntamente com a arquitetura e os objetos que usamos formando parte de nosso imaginário, constituindo nossas memórias. “[...] de etimologia Grega, o *haptic* é o que nos faz ‘aptos a estar em contato com’ coisas, então constituindo a reciprocidade de contato entre nós e nosso entorno” (Bruno, 2014:144). Compreender essa premissa no modo como a percepção humana é afetada sensorialmente pelos fluxos visuais permite uma empatia com a afirmação de Daniela Távora — esses *filmes atingiram em cheio minhas memórias de infância*.

### As desconstruções

Os vídeos criados por Távora são narrativas não lineares, que partem de ações da artista em locações preexistentes e produzidas com baixo custo, procurando criar imagens transgressivas de impacto direto e com atmosferas distópicas. Eles revelam a impregnação de seu imaginário pelo fascínio por imagens do fantástico e decadente visto nos filmes, bem como carregam uma bagagem pessoal densa de vivências numa dura realidade, tudo isso expresso por meio de uma linguagem audiovisual experimental, calcada em estratégias de desconstrução como estrutura do processo de edição.

Sobre a desconstrução, Christine Mello refere que, quando usada pelos artistas do vídeo, essa operação afirma propositalmente um não estilo, rompendo com o estatuto da imagem, promovendo novos sentidos para a imagética contemporânea, ampliando as “potencialidades discursivas do próprio meio.” (Mello, 2008:116). Na obra *jovem* de Daniela Távora, observamos a desconstrução



**Figura 1** · Daniela Távora. Blasfêmia, substantivo feminino, 2016. Fonte: *site* da artista.

**Figura 2** · Daniela Távora. Blasfêmia, substantivo feminino, 2016. Fonte: *site* da artista.

na captura e na edição, empregando e desconstruindo referenciais do cinema, como citado anteriormente.

*Blasfêmia — Substantivo Feminino*, o primeiro vídeo da série realizada em 2016 foi sendo gravado sem um roteiro prévio, seu norte eram as suas relações com o baralho do Tarô (desenhado por ela) e o áudio com a leitura de um texto contando de forma fantástica uma passagem de sua infância parodiando o gênesis da Bíblia. As imagens, inicialmente, foram capturadas com uma câmera *GoPro*, que, sem visor, oportuniza um enquadramento às cegas numa tecnologia 4k. Essa forma de gravação faz com que o operador em interface com o equipamento, imagine o ponto de vista do olho de ciclope — a câmera.

Numa relação entre superfícies, sua pele e a tela do computador, das ondas vibratórias entre o seu olhar e o campo magnético da tela eletrônica, ao abrir as sequências de vídeo gravadas na *timeline* do programa de edição, a artista foi sendo guiada pelas sensações, escolhendo e descartando o que queria e imaginando as novas cenas. Nessa etapa, constatou que a limpeza das imagens não lhe interessava e que queria uma aparência de superfície ruidosa, com texturas e distorções de cor, por isso, decidiu que também poderia passar a usar o próprio celular como dispositivo de captura. Sobre esse processo Daniela afirmou, “Além do interesse pela pesquisa técnica e o que representa a utilização desta forma de montagem mais acessível para mim, tive a intenção de produzir um jogo entre imagens e texto que tivesse uma abordagem política apresentada do meu ponto de vista feminino na sociedade.”

Para realizar o vídeo *Quem vai ser o rato do século XXI*, partiu de uma cena imaginada, conforme escreveu:

*Um cavalo-branco, sem encilhas e sem rédeas, pastando no canteiro central da estrada próxima a minha casa, que atravesso todos os dias para tomar o ônibus e ir ao trabalho, a RS 040. Eu monto no animal que galopa com muita velocidade até um jardim paradisíaco. Ao desmontar, meus pés começam a sangrar quando tocam o chão, pois são atravessados por espinhos escondidos na beleza da grama verde. Imediatamente, olho para a palma das minhas mãos e me assusto por elas estarem sujas de sangue.*

O vídeo inicia com a cavalgada, num cavalinho de pau, pela Vila Cruzeiro, em Porto Alegre (Figura 3), bairro que se tornou um infundável canteiro de obras desde que a prefeitura resolveu abrir uma avenida passando por onde existiam as casas dos primeiros moradores. A precariedade e a adversidade foram, durante o processo de realização desse trabalho, operações desconstrutivas e geradoras de soluções estéticas que afetaram totalmente a proposta, favorecendo



**Figura 3** · Daniela Távora. Quem vai ser o rato do Séc. XXI?, 2016. Fonte: *site* da artista.

**Figura 4** · Daniela Távora. Quem vai ser o rato do Séc. XXI?, 2016. Fonte: *site* da artista.



**Figura 5** · Daniela Távora. Canto de mau agouro, 2016.  
Fonte: *site* da artista.

**Figura 6** · Daniela Távora. Canto de mau agouro, 2016.  
Fonte: *site* da artista.

a aparição de alegorias como o cavalinho de pau, a caminhada com galochas em meio ao esgoto a céu aberto, os pés fincados por paus (Figura 4), as mãos ensanguentadas.

Em *Canto de mau agouro*, a passagem de um trem suburbano encadeia as sequências, nelas, cenas do trem; a polícia de choque enfileirada; a miséria de uma favela; o trânsito engarrafado; e uma placa do *MacDonalds* não cessam de alternar-se junto ao som contínuo de ruídos e um pássaro, que mais parece um apito, criando um *looping* interno. O vídeo foi captado por câmeras de celular com baixa resolução e editado misturando apropriação de mídias sonoras com qualidades diferentes, dessa forma, criando sobreposições entre ruídos e sons de pássaros. Nas extremidades do vídeo (Mello, 2008), desconstruindo o documentário das mídias alternativas de notícias da *web*, o trabalho observa ícones do consumo, as tensões sociais e repressão das manifestações políticas em Porto Alegre, em 2016, apontando para a miséria, o excesso de trabalho, a repressão, a poluição e o desencanto.

### Notas Finais

Aspectos do feminino, tendo como referências obras das artistas Carolee Schneemann, Agnès Varda, Ana Lily Amirpor, Jackie Kong, Kimberly Pierce e as irmãs Sylvia Soska e Jen Soska, seus mistérios e enigmas inconscientes, foram materiais para os vídeos *Blasfêmia — substantivo feminino* e em *Quem vai ser o Rato do século XXI?*, neles, assim como em *Poucas coisas são mais lindas que o vô do urubu* e *Uma libra por seio de mulher arrancado como prova de captura*, Daniela, além de dirigir, gravar e editar, também, atua. Nessas cenas gravadas em sua casa, com sua mãe e o artista Itapa Rodrigues, transforma a casa num estúdio, percebendo esse mesmo lugar como sendo outro, fazendo um desdobramento de atmosferas, propiciado por uma passagem entre o que ali está e a imagem que o mesmo lugar pode emanar, fazendo fluir uma aparição de outro na aparência propiciada pelo vídeo, Daniela cria tensões e indaga as forças que calam e colocam diariamente a vida das mulheres em constante perigo.

Será que como os demais artistas que operam com a desconstrução, desmontando um significado para obter outro, a artista pretende que a apreensão da realidade se dê pela experiência sensória? Difícil responder não fixando uma só perspectiva, ainda assim, infiro que o uso da desconstrução na linguagem audiovisual seja, para Daniela Távora, uma vontade de construir videonarrativas centradas em uma estruturação que pretende se encadear em formas afetadas por fluxos estabelecidos entre contaminações de superfícies internas e externas — a pele e a vibração magnética — na pele do olhar.

## Referências

- Bruno, Giuliana. (2014). *Surface: Matters of Aesthetics, Materiality, and Media*. Chicago: University of Chicago Press, ISBN-13: 978-0-226-10494-2
- Mello, Christine. (2008). *Extremidades do vídeo*. São Paulo: SENAC, ISBN: 978-85-7359-753-0
- Mello, Christine. (2018). *Extremidades: experimentos críticos*. São Paulo, Estação das Letras e Cores, ISBN: 978-85-68552-68-1
- Távora, Daniela. (2016). *Blasfêmia: processo de criação de vídeos experimentais a partir da estética do horror*. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/153334>>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- Távora, Daniela. *Site pessoal*. Disponível em: <<http://danielatavora.tumblr.com>>. Acesso em: 11 nov. 2018.